



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CAMPUS SOBRAL

CURSO DE PSICOLOGIA

TANNA ROMÃO SILVA

**AOS OLHOS DE NARCISO: SOBRE O NARCISISMO NA
ESTRUTURAÇÃO DO EU**

SOBRAL

2016

TANNA ROMÃO SILVA

**AOS OLHOS DE NARCISO: SOBRE O NARCISISMO NA
ESTRUTURAÇÃO DO EU**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação do Curso de Psicologia da
Universidade Federal do Ceará *campus* Sobral,
como requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Odimar Araújo Feitosa Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Psicóloga Josiany Oliveira Mota
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Psicóloga Ana Ramyres Andrade
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação Universidade
Federal do Ceará
Biblioteca
Universitár
ia

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

- R668o Romão, Tanna.
Aos olhos de Narciso: Sobre o narcisismo na estruturação do Eu / Tanna
Romão. – 2016. 30 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Campus de Sobral, Curso de Psicologia, Sobral, 2016.
Orientação: Prof. Me. Odimar Feitosa .
1. Psicanálise. 2. Psicologia. 3. Narcisismo. 4. Eu. I. Título.

CDD 150

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas irmãs, Tayana e Távina, por serem base para que tudo isso fosse construído e pelo apoio em cada sonho que eu ouse ter.

Agradeço aos meus pais por permitirem que eu pudesse escolher qual caminho seguir, mesmo que eles nunca tivessem imaginado tal rota para mim.

Agradeço aos meus amigos, Renata, Damom e Bruna, pelo convívio e por, mesmo com as divergências teóricas, sempre respeitarem pontos de vista diferentes e ouvirem o que eu tinha para falar ou calar.

Agradeço a Alexandre Machado pela companhia na construção desse trabalho e de mim mesma.

Agradeço ao amigo Wilson e ao professor Márcio Arthoni por me tirarem da zona de conforto e tornarem o conhecimento algo muito mais além do que uma preferência, mas a possibilidade de criar e sentir de formas nunca pensadas.

Agradeço ao meu orientador e supervisor, Odimar Feitosa, por ser um exemplo de profissional competente e corroborar de forma ativa na minha construção como psicóloga e como ser humano ao longo da faculdade.

Agradeço demais a todo corpo docente que compõe o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará- *campus* Sobral por ser exemplo de grupo forte e bem estruturado que me proporcionaram momentos e aprendizados que vou levar para o resto da vida.

RESUMO

O presente trabalho apresenta como ocorre, a partir de uma perspectiva psicanalítica, a estruturação do Eu tendo como base o conceito de narcisismo. A partir da perspectiva psicanalítica a qual o Eu não é uma instância que existe a priori, mas precisa ser desenvolvido, além da importância da elaboração do conceito de narcisismo para o percurso teórico tomado pela Psicanálise, foi feita uma revisão bibliográfica dos textos de Freud para compreender como se realiza esse desenvolvimento, além de promover articulações teóricas com as contribuições do ensino de Jacques Lacan acerca do estágio do espelho como formador do Eu e de corroborações de artigos elaborados por psicanalistas sobre o tema.

Palavras-chave: Psicanálise. Psicologia. Narcisismo. Eu.

RESUMEN

En este trabajo se presenta como ocurre, desde una perspectiva psicoanalítica, la estructuración de lo yo basado en el concepto de narcisismo. Desde la perspectiva psicoanalítica que el yo no es una instancia que hay a priori, pero necesita ser desarrollado y la importancia de la elaboración del concepto de narcisismo a la ruta teórica tomada por el psicoanálisis, se hizo una revisión de la literatura de los escritos de Freud para comprender cómo se realiza este desarrollo, y promover articulaciones teóricas con las contribuciones de la educación de Jacques Lacan en el estadio del espejo como formador de lo yo y las corroboraciones de artículos hechos por los psicoanalistas sobre el tema.

Palabras-clave: Psicoanálisis; Psicología; Yo; Narcisismo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	O MARCO “SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO”.....	9
3	SOBRE O NARCISISMO E A ESTRUTURAÇÃO DO EU EM FREUD.....	10
4	CONTRIBUIÇÕES DE LACAN SOBRE O ESTÁDIO DO ESPELHO COMO FORMADOR DO EU.....	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O narcisismo é um conceito relevante para a Psicanálise por permear vários processos subjetivos, dentre eles a estruturação do Eu. A formulação deste conceito na teoria psicanalítica se efetuou como um marco revolucionário na forma de pensar o funcionamento psíquico, já que situou o Eu, também, como objeto de investimento libidinal.

Sigmund Freud não identificou o conceito de narcisismo em sua teoria com ênfase relevante antes do texto que escreveu em 1914 (*Sobre o narcisismo: uma introdução*), que foi o ano em que definiu com detalhes como se constituía esse processo, apesar de já ter feito referências a ele anteriormente, além de contemplar processos como *identificação* e *escolha objetual*, que são basais para a teoria psicanalítica.

Recentemente, o texto acerca do narcisismo completou 100 anos desde que foi escrito. Haja vista a contemporaneidade expressiva deste marco histórico para a Psicanálise e o desejo de pesquisar sobre este tema, este trabalho visa relacionar o processo do narcisismo em sua articulação ao desenvolvimento do Eu, assim como associar as proposições de Freud às contribuições trazidas por Jacques Lacan, no que diz respeito, principalmente, ao estágio do espelho como formador do Eu. Acrescenta-se a isso, compreender algumas diferenças ao que tange as neuroses e psicoses em relação ao Eu. Além disso, esta produção intenciona colaborar para futuras pesquisas acerca do tema, além de compilar um material que pode ser utilizado para a aprendizagem de quem deseja se aproximar da teoria psicanalítica.

Assim, a partir do levantamento de textos que fazem referência aos objetos de estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Inicialmente, as fontes buscadas foram os escritos de Freud sobre o tema do narcisismo e da estruturação do Eu.

Posteriormente, acrescentou-se a isso as proposições trazidas pelo ensino de Jacques Lacan que fizessem referência ao que esse trabalho objetivou a fazer. Foram usados, também, artigos que fizessem alusão ao que era pesquisado e poderiam corroborar para a elaboração deste trabalho. A partir disso, foram propostas associações entre os temas para que o entendimento de como esses processos ocorrem concomitantemente pudesse ser construído.

2 O MARCO “SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO”

O texto sobre o narcisismo foi publicado em 1914 e expõe as descobertas percebidas por Freud a respeito do tema que dá nome ao título do texto. A princípio, Freud já havia feito referências ao narcisismo em textos anteriores, como no que foi retratado em *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910) e *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* (1911). Não apenas para apresentar as constatações sobre o tema, o texto sobre o narcisismo também foi elaborado como resposta às críticas que Jung e Adler teceram acerca da veracidade da constatação sobre caráter sexual da libido.

É importante salientar que o conceito de narcisismo não foi utilizado primeiramente e exclusivamente por Freud. O psiquiatra Paul Näcke já havia falado sobre esse processo em 1899, mas deu a ele um sentido de perversão. Essa ideia foi exposta por Freud no texto de 1914 com o objetivo de refutá-la. Dessa forma, em contraste à idéia proposta por Näcke, Freud (1992[1914], v. 14, p. 71-72. tradução nossa) afirma que “o narcisismo, neste sentido, não seria uma perversão, mas o complemento libidinal inerente à pulsão de autoconservação, a qual justificadamente se atribui uma dose a todo ser vivo.”.

Desta forma, é importante ressaltar que o que havia estipulado no campo teórico até o texto do narcisismo seria a teoria das pulsões tendo como base o que foi estabelecido no texto *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), a partir da ideia da sexualidade infantil e o entendimento do que seria a pulsão, sua parcialidade e elasticidade na escolha dos objetos, além da idéia das pulsões de autoconservação e pulsões sexuais.

Além disso, esse texto promove uma fissura no que estava formulado teoricamente, que seria a ideia de um Eu que não era objeto de investimento libidinal e o entendimento dos conflitos psíquicos como derivados das tentativas de descargas pulsionais do Inconsciente, que conseguiram ultrapassar a barreira do recalque, causando desprazer na consciência.

Assim, podemos entender que o narcisismo tem relevância tanto para a estruturação do indivíduo, como para o advento da segunda tópica freudiana, o que levou Freud a se questionar sobre o que já estava predominante até então no que diz respeito à teoria das pulsões.

Essa fissura promovida entre as perspectivas deu vazão a mudanças e reelaborações teóricas, além de construções a partir dessa nova noção que estava sendo desenvolvida. Desta forma, outros escritos de Freud posteriores ao texto do narcisismo levam

consigo as influências do que foi exposto no texto de 1914, como podemos constatar, por exemplo, no texto *Luto e Melancolia* (1917 [1915]).

3 SOBRE O NARCISISMO E A ESTRUTURAÇÃO DO EU EM FREUD

Freud se utilizou do mito de Narciso para desenvolver um conceito o qual havia sido estruturado com base nas descobertas surgidas em sua trajetória clínica. É importante perceber que Freud atendia, em maioria, pacientes neuróticos, mas foi ao se deparar com os entraves trazidos pela clínica das psicoses que houve o entendimento de que seria necessário rever o que estava sendo proposto teoricamente.

Desta forma, a partir da inquietação teórica e clínica sobre como incluir a esquizofrenia na perspectiva da teoria da libido, houve a possibilidade do conceito de narcisismo ser formulado. No texto de 1914, Freud inicia sua linha de pensamento com questionamentos acerca dos pacientes esquizofrênicos, partindo da ideia de duas características, que seriam a megalomania e o abandono de interesse pelo mundo externo. Então, é lançada a pergunta “qual o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia?” (FREUD, 1992[1914], v. 14, p. 72, tradução nossa).

Surge, assim, a noção de um retorno da libido ao Eu. Freud (1992[1914], v. 14, p.72-73, tradução nossa) em resposta ao próprio questionamento anteriormente citado afirma que

A libido retirada do mundo externo foi conduzida ao Eu, e assim surgiu uma conduta que podemos chamar narcisismo. No entanto, o delírio de grandeza não é uma criação nova, mas, como sabemos, a ampliação e o desenvolvimento de um estado que já havia existido antes. Assim, somos levados a conceber o narcisismo que nasce por retração dos investimentos do objeto como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base de outro, primário, que foi obscurecido por influências várias.

No texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* (1911), que retrata e trabalha de forma teórica o conhecido “caso Schreber”, Freud (1991[1911], v. 12, p. 56, tradução nossa) estabelece o narcisismo como um processo intermediário entre o autoerotismo e o amor objetual, afirmando que

Pesquisas recentes chamaram nossa atenção sobre um estágio na história evolutiva da libido, estágio este que atravessa o caminho que vai do autoerotismo ao amor objetual. É o chamado <<Narzissimus>>; prefiro a designação <<Narzissmus>>, não tão correta, talvez, mas mais breve e com melhor fonética. Consiste em que o indivíduo em desenvolvimento sintetiza em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade autoerótica, para ganhar um objeto de amor, toma primeiro a si mesmo, ao seu corpo próprio, antes de eleger um objeto alheio. Uma fase assim, mediadora entre o autoerotismo e o amor objetual, é talvez indispensável normalmente.

Essa ideia foi reformulada no texto *Totem e Tabu* (1913), o qual estabelece que, ao contrário do que se pensava, o narcisismo não se tratava apenas de um estágio entre o autoerotismo e o amor objetual, mas sim um processo permanente ao longo da vida. Freud (1991[1913], v. 13, p. 92, tradução nossa) afirma que

Embora não nos tenha sido possível traçar com precisão suficiente uma caracterização deste estágio narcisista, no qual as pulsões sexuais até o momento dissociadas se conjugam em uma unidade e o Eu é investido como objeto, vislumbramos desde agora que a organização narcisista nunca se resignará ao todo. O ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois que tiver achado objetos externos para sua libido. Os investimentos do objeto são, por assim dizer, emanações da libido que permanece no Eu, e que podem ser retiradas de novo.

É importante salientar que a unificação promovida pelo narcisismo não acontece de forma imediata. Anterior a isto, o que acontece seria a fase referente ao autoerotismo. Neste momento, as pulsões, que atuam de forma descoordenada, buscam satisfação no próprio corpo de modo independente. Porém, ainda não existe uma unidade que poderia se assemelhar ao Eu e o bebê ainda não consegue fazer a distinção do que seria o seu corpo e o mundo externo.

Posterior a essa fase de autoerotismo, Freud designou, didaticamente, o que seria os processos de narcisismo primário e narcisismo secundário. Sobre o narcisismo primário, Freud (1991[1914], v. 14, p.88, tradução nossa) afirma que

(...) prevalece uma compulsão a atribuir à criança todas as perfeições (para a qual um observador imparcial não descobriria motivo algum) e a encobrir e esquecer todos seus defeitos (o qual mantém estreita relação com a refutada sexualidade infantil). Mas também prevalece a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. His Majesty the Baby, como um dia pensamos de nós mesmos.

Porém, essa fase de narcisismo primário não é perene no indivíduo. Logo haverá o contato da criança às regras morais, à cultura, aos limites e às impossibilidades. Freud (1991[1914], v.14, p.90, tradução nossa) afirma que “[...] as monções pulsionais da libido sucumbem ao destino do recalque patogênico, quando entram em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo.”

Desta forma, os desejos e impulsos passam a ser recalcados por não serem compatíveis ou permitidos nesse contexto social e há a formação de um ideal, o qual

estabelecerá parâmetro com o Eu atual. É o que teoricamente se refere ao Eu Ideal, estabelecido ainda no momento de narcisismo primário e ao Ideal do Eu, já como produção do narcisismo secundário. Freud (1991[1914], v.14, p. 90, tradução nossa) afirma que “para o Eu, a formação do ideal seria condição para o recalque.”. Acrescenta-se a isso, a ideia em que Freud (1991[1914], v.14, p. 91, tradução nossa) afirma que

Sobre esse Eu ideal recai agora o amor de si mesmo de que na infância gozou o Eu real. O narcisismo aparece deslocado a este novo Eu Ideal que, como o infantil, se encontra em posse de todas as perfeições valiosas. Aqui, como sempre ocorre no âmbito da libido, o homem tem se mostrado incapaz de renunciar à satisfação que gozou uma vez. Não quer se privar da perfeição narcisista de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.

Concomitante a isso, há a formulação da ideia de superfície corporal, ou seja, a criação de uma imagem de corpo e de uma identificação a ela. Retomando as ideias básicas até agora, é o narcisismo que vai distinguir, a partir da possibilidade de entendimento de uma unificação corporal e desse rearranjo das pulsões, o que seria o interno e o externo. Freud (1992[1923], v. 19, p. 27-28, tradução nossa) fala sobre essa relação Eu-corpo de forma muito interessante em uma nota de rodapé em *O Eu e o Isso* (1923), quando afirma que

(...) o Eu deriva, em última instância, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo. Pode ser visto, assim, como uma projeção mental da superfície do corpo, além de representar (...) as superfícies do aparelho psíquico.

Com isso, podemos relacionar essa construção de ideias ao que Freud (1992[1923], v. 19, p. 27, tradução nossa) afirma quando diz que “o Eu é, sobretudo, corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície.”, afastando, assim, o descuido de entender essa instância como fantasmagórica e nos dando direções de como aconteceria sua estruturação. Além disso, ele se desvia do entendimento de um corpo puramente biológico, mas sim de um corpo que é estruturado a partir do reconhecimento e participação da alteridade. Além disso, um corpo erógeno onde é possível de haver investimentos libidinais. Ainda sobre o que diz respeito ao corpo, Freud (1992[1923], v. 19, p.27, tradução nossa) afirma que

O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente. É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna. Já se discutiu bastante, na psicofisiologia, de que maneira o corpo sobressai no mundo da percepção. Também a dor parece ter nisso um papel, e o

modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos, nas doenças dolorosas, é talvez um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo.

Assim, até então, podemos perceber formulações principais sobre o que seria a relação do narcisismo com a construção do Eu, visto que podemos citar a questão da possibilidade de identificação a uma imagem, a conquista da imagem corpo e a possibilidade de diferenciação entre o interno e o externo, por exemplo.

Acrescenta-se a isso, elaborações que Freud só pôde formular posteriormente no texto *A pulsão e seus destinos* (1915). É neste texto, já com as influências do que foi posto em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), que Freud esmiúça os processos de projeção e introjeção. Para explicar como ocorrem esses mecanismos, Freud (1992[1915], v.14, p.130, tradução nossa) determina que

Na medida em que é autoerótico, o Eu não necessita do mundo exterior, mas recebe dele objetos por consequência das vivências derivadas das pulsões de autoconservação do Eu, e, portanto, não pode deixar de sentir estímulos pulsionais interiores como desprazerosos por um tempo. Sobre o domínio do princípio de prazer se efetua no Eu um posterior desenvolvimento. Recolhe em seu interior os objetos oferecidos na medida em que são fonte de prazer, os introjeta (segundo a expressão de Ferenczi), e, em contrapartida, expõe de si o que em sua própria interioridade é ocasião de desprazer.

É com a possibilidade dessa diferenciação que o Eu consegue produzir um crivo em sua relação com o mundo, o qual oferece a ele uma parte prazerosa, que é introjetada e uma parte que pode ser tomada como indiferente ou desprazerosa, que será projetada.

Então, quando trabalhamos os conceitos de projeção e introjeção não nos afastamos do entendimento que buscamos sobre o papel do narcisismo na constituição do Eu. Deste modo, podemos relacionar estes processos ao que foi descrito no texto *A pulsão e seus destinos* (1915) no que se refere ao “amor” e ao “ódio” para que possamos entender de forma mais ampla as conjunturas estruturadas e entrelaçadas por esses mecanismos.

Freud (1992[1915], v.14, p. 128 tradução nossa) afirma que “o amar admite não apenas uma, mas três oposições. Além da oposição amor-ódio, existe a de amar-ser amado, e amor e ódio, tomados conjuntamente, opõem-se ao estado de indiferença ou insensibilidade.”

Então, pode-se dizer que objetos são levados ao Eu e promovem, com essa relação, sensações diversas. Quando o objeto proporciona efeitos prazerosos, há uma tendência a aproximação dele ao Eu. Em contrapartida, quando o objeto causa desprazer, há a tentativa de afastamento entre ele e o Eu. Sobre isso, Freud (1992[1915], v.14, p.131, tradução nossa) estabelece que

Poderíamos dizer que uma pulsão <<ama>> o objeto ao qual aspira para sua satisfação. Mas que uma pulsão <<odeie>> a um objeto nos soa bastante estranho, de modo que atentaremos para o fato de que os vínculos de amor e ódio não são aplicáveis nas relações das pulsões com seus objetos, sendo reservada na relação do Eu-total com os objetos.

Percebemos, portanto, o quão vinculado está à constituição do Eu os processos anteriormente citados. De certo, é oportuno ressaltar que o conceito de Eu em Freud sofreu modificações relevantes ao longo da teoria psicanalítica. A mudança para a segunda tópica freudiana durante a virada dos anos 20 trouxe à Psicanálise uma fundamental reelaboração de conceitos e proporcionou uma maior fundamentação teórica para entender os processos psíquicos. A formulação da segunda tópica não anula o que foi dito na primeira, mas corrobora para um melhor esclarecimento de entraves teóricos que havia até então.

Durante a primeira tópica, Freud trabalhou numa perspectiva de entendimento dos processos psíquicos a partir de três sistemas, que seriam: Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente. Esses sistemas eram regidos pelos processos primários e processos secundários, respectivamente. Ou seja, os processos primários diziam respeito ao sistema Inconsciente, o qual tinha como característica as energias dissociadas e era regido pelo princípio do prazer. Em contrapartida, os processos secundários diziam respeito aos sistemas Consciente e Pré-Consciente, os quais as energias eram ligadas e eram regidos pelo princípio de realidade.

Com o advento da segunda tópica, a teoria psicanalítica foi reestruturada para perceber os processos psíquicos a partir de três instâncias, que seriam o Eu, o Supereu e o Isso, as quais Freud esclarece de forma mais esmiuçada no texto *O Eu e o Isso* (1923), por exemplo. Sobre o Eu, pelas proposições trazidas na segunda tópica, Freud (1992 [1923], v. 19, p.27, tradução nossa) afirma que

É fácil entender que o Eu é parte alterada do Isso pela influência direta do mundo exterior, com mediação do Pcp-Cs: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies. Ademais, se empenha em fazer valer sobre o Isso influência do mundo exterior, assim como seus próprios propósitos; empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que vigora irrestritamente no Isso. Para o Eu, a percepção cumpre o papel que no Isso corresponde à pulsão.

Desta forma, é possível entender que o Eu, diferente do que se pensava na primeira tópica, tem uma parcela inconsciente. Numa tentativa de analogia gráfica ao que foi dito sobre a relação entre as instâncias psíquicas, Freud (1992[1923], v.19, p.24, tradução nossa) afirma que

Se buscarmos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Isso, mas apenas à medida que o sistema *Pcp* forma a sua superfície [do Eu], mais ou menos como o “disco germinal” se acha sobre o ovo. O Eu não é nitidamente separado do Isso; conflui com este na direção inferior.

Estabelecendo um paralelo entre o que estava proposto na primeira e o que foi revisado na segunda tópica, Freud (1992 [1923], v.19, p. 29, tradução nossa) vai afirmar que “não só o mais profundo, também o mais alto no Eu pode ser inconsciente. É como se deste modo nos fosse demonstrado o que antes dizíamos do Eu consciente, a saber, que é, sobretudo, um Eu-corpo.” Além disso, Freud (1992[1923], v.19, p. 39) traz a ideia de que

O Isso é incapaz de viver ou experimentar vicissitudes externas senão através do Eu, que nele representa o mundo externo. Mas não se pode falar de uma transmissão hereditária no Eu. Aqui surge o hiato que separa o indivíduo real do conceito de espécie. Também não se deve tomar rigidamente a distinção entre Eu e o Isso, e não esquecer que o Eu é uma parte do Isso especialmente diferenciada.

Sustentar a ideia de que o Eu é composto por uma parcela que é inconsciente e que ele é objeto de investimento da libido já direciona os entendimentos da Psicanálise sobre os processos psíquicos de forma distinta do que se pensava antes. Dentre elas, a ideia de que a neurose era desencadeada devido aos conflitos entre o material inconsciente e o consciente. Essa mudança de perspectiva de compreensão do que é o Eu e o impasse que causava entre o que era proposto teoricamente e o que se percebia na prática analítica fica claro quando Freud (1992[1923], v.19, p.18-19, tradução nossa) afirma que

A este Eu liga-se a consciência, ele domina os acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo; é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos. Desse Eu partem igualmente as repressões através das quais certas tendências psíquicas devem ser excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade. Na análise, o que foi posto de lado pela repressão se contrapõe ao Eu, e ela se defronta com a tarefa de abolir as resistências que o Eu manifesta em ocupar-se do reprimido. Ora, durante a análise observamos que o doente experimenta dificuldades quando lhe colocamos certas tarefas; suas associações falham quando devem aproximar-se do reprimido.

Desta forma, Freud percebeu que havia uma parcela inconsciente nesse processo e que o Eu seria, então, também inconsciente. Fazendo com que o que era entendido como origem do conflito psíquico, que seria a ideia de embate entre inconsciente e consciente, passasse a ser o conflito entre o Eu organizado e o Eu dissociado. Foi o que Freud (1992[1923], v.19, p.19, tradução nossa) afirma ao falar que

(...) cairíamos em infinitas impressões e dificuldades se pretendêssemos nos ater a nosso modo de expressão habitual e, por exemplo, fazemos derivar a neurose de um conflito entre o consciente e o inconsciente. Nosso entendimento das constelações

estruturais da vida anímica nos obriga a substituir essa oposição por outra: a oposição entre o Eu coerente e o reprimido que dele se separou.

Faz-se necessário perceber que se Freud entendia que o Eu não é uma entidade que existe *a priori*. Sobre isso, Freud (1992[1914], v.14, p.74, tradução nossa) afirma “[...] que não está presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao Eu; o Eu tem que ser desenvolvido.”

Freud vai buscar, então, no entendimento da melancolia uma explicação que pudesse corroborar para suas investigações sobre o tema aqui proposto. As formulações no texto *Luto e Melancolia* (1917[1915]) recuperaram o que foi postulado no texto de 1914 a respeito do narcisismo e, além da retomada desse conceito, trabalhou a concepção de Ideal do eu.

Primeiramente, em *Luto e Melancolia* (1917[1915]), Freud (1992[1917], v.14, p.242, tradução nossa) explana sobre o que é melancolia afirmando que

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda produtividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.

A partir disso, Freud traça formulações para explicar que isso ocorre devido à identificação narcísica do indivíduo ao próprio objeto perdido. Essa compreensão é exposta de forma mais clara quando Freud (1992[1917], v.14, p.246, tradução nossa) afirma que

O investimento de objeto mostrou-se pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não deslocou para outro objeto e sim se retirou sobre o Eu. Mas assim não encontrou um uso qualquer, serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto resignado. A sombra do objeto caiu sobre o Eu, que, sucessivamente, pode ser julgado por uma instância particular como um objeto, como o objeto abandonado. Desta forma, a perda do objeto teve que se mudar em uma perda do Eu; e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, em uma separação entre um Eu crítico e o Eu alterado por identificação.

Assim, a partir da ideia de que na melancolia o indivíduo se identifica ao objeto, Freud percebe que essa substituição e identificação do Eu ao objeto é participante na própria constituição egóica, já que esse fato pôde ser percebido de forma mais comum do que apenas em pacientes melancólicos. Sobre isso, Freud (1992[1923], v.19, p.30-31, tradução nossa) afirma que “tal substituição participa enormemente na configuração do Eu e contribui de modo essencial para formar o que se denomina seu *caráter*.”

É pertinente que façamos um enlace teórico entre alguns conceitos trabalhados até então e a forma com que foram construídos. No texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) há a diferenciação entre o que se chamou de libido do Eu e libido objetal, trazendo a

ideia de que “quanto mais se emprega uma, mais se empobrece a outra.” (Freud, 1992[1914], v.14, p.73-74, tradução nossa).

Porém, Freud compreende que esse processo observado no estudo das psicoses poderia ser observado também no que diz respeito às neuroses, ou seja, o desinvestimento do mundo externo e o investimento no Eu era comum a ambos. Freud (1992[1914], v.14, p.75, tradução nossa) afirma que “o valor dos conceitos de libido do Eu e libido de objeto está em que derivam da elaboração de características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos.” A diferença é que aos neuróticos, esse desinvestimento dos objetos proporciona o retorno da libido ao Eu para que ela possa ser reinvestida posteriormente em outros objetos sem que isso cause o adoecimento do indivíduo.

No que diz respeito à esquizofrenia, o desinvestimento da libido do mundo externo proporciona um retorno desta libido em forma de narcisismo e dá base aos fenômenos de megalomania, fazendo com que essa libido não seja reinvestida em objetos, mas represada no próprio Eu. É devido este retorno pulsional em forma narcísica que é possível uma identificação do sujeito à posição referente a este estágio primeiro, que diz respeito ao ideal do Eu. No texto *O Inconsciente* (1915), Freud (1992[1915b], v.14, p.193-194, tradução nossa) afirma que

(...) na esquizofrenia impôs-se, para nós, a hipótese de que depois do processo de recalque a libido retirada não busca um novo objeto, mas recua para o Eu; ou seja, de que os investimentos objetivos são abandonados e um estado primitivo de narcisismo sem objeto é restabelecido. A incapacidade desses pacientes para a transferência – até onde alcança o processo patológico –, a conseqüente inacessibilidade à terapia, a característica rejeição do mundo externo, o surgimento de sinais de um sobreinvestimento do próprio Eu, o desfecho na completa apatia, todos esses traços clínicos parecem condizer perfeitamente com a hipótese de um abandono dos investimentos objetivos.

Na esquizofrenia, o desinvestimento do mundo externo pode ter como consequência os fenômenos de hipocondria e megalomania. Desta forma, a libido fica retida no Eu e por não haver o amparo da mediação pela fantasia, como há para os neuróticos, ela se efetiva no próprio corpo. Na megalomania, a libido é superinvestida no Eu e quando a retenção de libido atinge níveis que vão além do que o suporte psíquico consegue tolerar, a doença fica mais notória evidenciando os fenômenos de hipocondria, os quais podem se tipificar com a sensação de desagregação e desmaterialização, por exemplo.

Alguns destes fenômenos de hipocondria podem ser encontrados também em casos de paranóia, como foi exposto por Freud (no texto *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia* (1991[1911], v. 12, p.17), o qual cita que Schreber

Nos primeiros anos de sua doença, teria sofrido distúrbios em certos órgãos do corpo que facilmente teriam levado à morte qualquer outra pessoa: viveu muito tempo sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, com o esôfago dilacerado, sem bexiga, com as costelas esfaceladas, algumas vezes teria engolido parte de sua laringe junto com a comida etc., mas milagres divinos ('raios') sempre restauraram o que fora destruído e por isso ele, enquanto homem, será absolutamente imortal.

Freud faz uma distinção entre esquizofrenia e paranoia ainda no texto de 1911 sobre o caso Schreber. Sobre a paranoia, Freud (1991[1911], v.12, p.67, tradução nossa) afirma que

Na paranoia (...) há indícios clínicos de que a libido retirada ao objeto recebe um emprego especial. Lembramos que maioria dos casos de paranoia exhibe algum delírio de grandeza, e que o delírio de grandeza por si pode constituir uma paranoia. Disso, inferimos que na paranoia a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranóicos trazem uma *fixação ao narcisismo*, e dizemos que *o recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia.

Desta forma, apesar de similaridades entre os dois fenômenos, Freud defendia a ideia de que deveriam ser entendido de formas distintas. Sobre isso, Freud (1991[1911], v.12, p.70, tradução nossa) afirma que

Mais essencial, a meu ver, é que se mantenha a paranoia como tipo clínico autônomo, ainda que seu quadro frequentemente seja complicado para os traços esquizofrênicos, pois do ponto de vista da teoria da libido ela se diferenciaria da *dementia praecox* por uma outra localização da fixação predisponente e um outro mecanismo do retorno [do recalçado] (formação de sintomas), tendo em comum com ela a característica do recalque propriamente dito, o desprendimento libidinal com a regressão ao Eu.

Apesar de similaridades entre as formas que estes processos ocorrem nas neuroses e nas psicoses, é necessário perceber também as suas distinções. No caso das neuroses, a unidade referente ao Eu proporcionada a partir do processo de narcisismo é mais bem efetivada. Apesar disso, alguns entraves em sua estruturação ainda acontecem.

Assim, podemos relacionar ao que Freud desenvolveu já no final de sua obra no que diz respeito à teoria do Eu. No texto *A divisão do Eu no processo de defesa* (1940[1938]), Freud trabalha a ideia de que o Eu tem que lidar com as exigências da realidade e ao mesmo tempo tentar mediar a tentativa de satisfação da pulsão, porém isso não é sem efeitos. Sobre essa divisão a qual o Eu está submetido, Freud (1991[1940], v. 23, p. 275-276) afirma que

permite-se que a pulsão conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade. Mas, como se sabe, só a morte é grátis. O resultado foi alcançado ao preço de uma fenda no Eu que nunca se reparará, mas aumenta à medida que o

tempo passa. As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão do Eu. Todo esse processo nos parece tão estranho porque tomamos por certa a natureza sintética dos processos do Eu. Quanto a isso, porém, estamos claramente em falta. A função sintética do Eu, embora seja de importância tão extraordinária, está sujeita a condições particulares e exposta a grande número de distúrbios.

Se o Eu sempre se empenha na busca desta síntese, é porque ele mesmo não a tem. Apesar disso, é o narcisismo que proporciona que essa coesão em uma unidade seja possível, mesmo que não de forma totalmente completa. Esta união promove ao Eu a possibilidade de identificações.

É interessante perceber a coesão e o desenvolvimento teórico entre os textos de Freud, já que o que foi postulado no texto *Luto e Melancolia* (1917[1915]) sobre o conceito de identificação reverberou em textos como *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) e *O Eu e O Isso* (1923), por exemplo, além de influenciar a própria perspectiva clínica e corroborar para elaborações de novos conceitos.

De certo, o conceito de identificação é basilar em Psicanálise e fundamental para que possamos continuar a entender toda essa linha de pensamento que Freud constrói ao longo dos escritos publicados e que, com esse trabalho, pode ser vista de uma forma mais clara.

No texto *O Eu e o Isso* (1923), Freud (1992[1923], v.19, p. 31, tradução nossa) traz a ideia de que

Ao começo de tudo, na fase oral primitiva do indivíduo, é provavelmente impossível distinguir entre investimentos de objeto e identificação. Mais tarde, só se pode supor que os investimentos de objeto partem do Isso, que sente as aspirações eróticas como necessidades. O Eu, inicialmente ainda frágil, fornece-os sua concordância ou busca se defender delas mediante o processo do recalque.

Acontece que, posteriormente, o indivíduo tem que abandonar esse objeto investido; esse fato foi assemelhado por Freud a uma regressão à fase oral. Em uma nota de rodapé, ainda no texto *O Eu e o Isso* (1923), Freud (1992 [1923], v.19, p.31, tradução nossa) explica o porquê de ter usado essa comparação, afirmando que

Um interessante paralelo à substituição da eleição de objetos por identificação provém da crença dos primitivos de quem as propriedades do animal incorporado como alimento se conservam como traços de caráter em quem o come, assim como as proibições baseadas nela. Segundo é sabido, esta crença constitui também uma das bases do canibalismo e se continua, dentro da série dos usos do banquete totêmico, como a Sagrada Comunhão. Os efeitos que a crença atribui ao apoderamento oral do objeto valem para a posterior escolha sexual do objeto.

O processo de identificação seria uma forma de o Isso aceitar a perda do objeto. Ao passo que o objeto é perdido, o Eu introjeta traços desse objeto, se assemelhando e se fazendo oferta para o Isso. Freud (1992[1923], v.19, p.32, tradução nossa) explicita esse fato quando afirma que “quando o Eu assume traços do objeto, por assim dizer se impõe ele mesmo ao Isso como objeto de amor, busca compensar sua perda lhe dizendo: ‘Olhe, pode amar a mim também; sou tão semelhante ao objeto.’ ”

A este processo, Freud (1992[1923], v.19, p.32, tradução nossa) relaciona a questão da atividade sublimatória da pulsão afirmando que

A transformação da libido objetal em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação. E surge mesmo a questão, digna de um tratamento mais aprofundado, de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiro converte a libido objetal sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta.

É por esse acontecimento de investimentos e identificações que Freud (1992[1923], v.19, p.31, tradução nossa) afirma que o “(...) O Eu é um precipitado dos investimentos objetais, de que contém a história dessas escolhas de objeto.”

Desta forma, é interessante salientar que o Eu pode dispor de várias identificações e que, dentre elas, algumas sejam conflituosas. Isso faz com o que o Eu se dissocie dando condição para que os conflitos se estabeleçam, podendo ser considerados patológicos ou não. Freud (1992[1923], v.19, p.31, tradução nossa) complementa esta ideia ao afirmar que “pode-se chegar a uma fragmentação do Eu, quando várias identificações se excluem umas às outras mediante resistências, e o segredo dos casos chamados de múltipla personalidade talvez esteja em que as várias identificações tomam alternadamente a consciência.”

A partir dessa ideia, é viável que nos remetamos à primeira identificação na vida do indivíduo que é a identificação ao pai, a qual Freud (1992 [1923], v.19, p.33, tradução nossa) afirma

(...) não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, mediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal. Mas as escolhas de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relativas a pai e mãe parecem resultar normalmente em tal identificação, e assim reforçar a identificação primária.

Freud se utiliza da natureza triangular da situação edípica e da bissexualidade constitucional do indivíduo para explicar esse processo de identificação e sua complexidade.

No que ele conceituou como Complexo de Édipo, afirma que há uma identificação aos pais conforme a dissolução do processo edípico e durante seu acontecimento.

É importante perceber que a relação com o objeto é ambivalente. Como pode ser percebido na conjuntura do Complexo de Édipo, ao mesmo tempo em que o menino ama a Mãe, nutre também um amor pelo Pai por identificação. Visto que o Pai interdita o acesso integral à Mãe, o menino quer eliminá-lo e, concomitantemente, sê-lo.

É o Pai que permite que Eros opere posteriormente. É pela interdição que ele efetua que o Eu vai buscar providenciar e articular novas relações a outros objetos. Desta forma, promover pulsão de vida, que são pulsões construtivas, que tendem a criação de elos e ao estabelecimento de ligações.

Esses esclarecimentos puderam corroborar para perceber que com a dissolução do Complexo de Édipo e a partir dessas duas identificações, tanto ao Pai, quanto à Mãe, o Eu sofre influência do produto desse processo. É a partir disso que se pode estruturar um ideal do Eu ou a instância que Freud denominou de Supereu. Sobre o ideal de Eu, Freud (1992[1923], v.19, p.37, tradução nossa) afirma que é

(...) herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão das mais potentes monções e dos mais importantes destinos libidinais do Isso. Mediante sua instituição, o Eu se apodera do Complexo de Édipo e, simultaneamente, se submete, ele mesmo, ao Isso. Enquanto o Eu é essencialmente representante do mundo exterior, da realidade, o Supereu o confronta como advogado do mundo interior, do Isso. Conflitos entre Eu e ideal de Eu refletirão em última instância — agora estamos preparados para isso — a oposição entre real e psíquico, mundo exterior e mundo interior.

Assim, a construção desse ideal de Eu se mostra como fundamental influenciador para o desenvolvimento do Eu, fazendo com que intimações sejam feitas para que o Eu se aproxime e busque alcançar essa imagem produzida. Sobre este ideal, Freud (1992[1923], v.19, p.36, tradução nossa) afirma que

(...) não é simplesmente um resíduo das primeiras escolhas objetais do Isso; possui igualmente o sentido de uma enérgica formação reativa a este. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Assim (como o pai) você *deve* ser”; ela compreende também a proibição: “Assim (como o pai) você *não pode* ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele”.

Como falado anteriormente, o ideal do Eu produz uma imagem de como seria o Eu em sua “melhor forma” ou forma mais “adequada”. Sobre o ideal do Eu incide leis da moralidade, da cultura e, claramente, a partir disso, geram-se identificações. Freud (1992[1921], v.18, p.103-104, tradução nossa) expôs indicativos do que seria o ideal do Eu no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921) ao afirmar que a esse ideal

(...) atribuíamos as funções de autoobservação, da consciência moral, da censura onírica e a principal influência do recalçamento. Afirmamos que ele seria o herdeiro do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava em si mesmo. Pouco a pouco ele tomaria, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, exigências que o Eu nem sempre conseguiria cumprir, de modo que o ser humano, quando não pode estar satisfeito com seu próprio Eu, poderia encontrar sua satisfação no ideal do Eu, que se diferenciou do Eu. Além disso, constatamos que no delírio de observação se torna evidente a desagregação dessa instância, ao mesmo tempo em que descobrimos que sua origem se encontra nas influências das autoridades, sobretudo dos pais.

É essa tentativa de alcançar o que seria o ideal, que o Eu toma como garantia de retorno para aquela posição de completude e admiração promovida pelo primeiro momento do narcisismo primário, ou seja, acreditando que ao cumprimento desse ideal, o colocaria de novo naquele lugar que antes era deleitável. Freud (1992[1923], v.19, p.47, tradução nossa) compila explicações para um melhor entendimento de como se dá esses processos de investimento e desinvestimento de libido ao afirmar que

Bem no início, toda a libido se acha acumulada no Isso, enquanto o Eu ainda está em formação ou é fraco. O Isso envia parte dessa libido para investimentos objetais eróticos, e com isso o Eu fortalecido procura apoderar-se dessa libido objetal e impor-se ao Id como objeto de amor. O narcisismo do Eu é então um narcisismo secundário, subtraído aos objetos.

Dessa forma, o desenvolvimento do Eu, como já dito anteriormente, deve provir de identificações. Além disso, é perceptível que há sempre algo que se repete na estruturação desses processos, que seria a fundamental influência da alteridade para a construção egóica. Ademais, podemos afirmar que o ideal do Eu é uma construção atravessada pela alteridade, também. Ainda sobre as identificações para a construção do Eu, Freud (1992 [1923], v.19, p.49, tradução nossa) afirma que

(...) o Eu se constitui, em boa parte, de identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Isso; que as primeiras dessas identificações agem regularmente como instância especial dentro do Eu, confrontando este como Supereu, enquanto mais tarde o Eu fortalecido pode oferecer maior resistência às influências dessas identificações.

Desta forma, podemos perceber que o processo identificatório é permeado pela renúncia de prazeres individuais para o suprimento da demanda do desejo do outro que se ama. Ou seja, parte do Eu se forma nessa relação com a alteridade e, assim, permeada pelo princípio de realidade. A possibilidade da entrada do indivíduo na cultura diz dessa capacidade de ceder do que se deseja para suprir uma demanda externa.

O texto *Psicologia das Massas e análise do Eu* (1921) traz um capítulo inteiro sobre o conceito de identificação. Conseguimos relacionar, portanto, e ainda complementar nossa linha de pensamento com corroborações trazidas por esse texto. Primeiramente, já no início do texto Freud deixa uma ideia muito clara sobre a importância da relação dos indivíduos com os outros para a formação do Eu. Freud (1992[1921], v.18, p. 67, tradução nossa) afirma que

é verdade que a psicologia individual está orientada para o ser humano singular e investiga os caminhos pelos quais ele busca alcançar a satisfação de duas moções pulsionais, só que ao fazê-lo, apenas raramente, sob determinadas condições excepcionais, ela desconsidera as relações desses indivíduos com os outros. Na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, porém inteiramente legítimo.

Desta forma, Freud afasta de forma efetiva críticas que afirmam que a Psicanálise exclui o contexto, ambiente e relação do indivíduo com os outros, além de ratificar que essa relação é fundamental para a sua estruturação, já que é base para que haja as identificações. Ainda neste escrito, Freud (1992[1921], v.18, p.99, tradução nossa) afirma que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a manifestação mais precoce de uma ligação emocional com outra pessoa”. Além disso, retorna a esmiuçar o processo do Complexo de Édipo para que se possa entender a primeira identificação que o indivíduo teria, que seria a identificação ao Pai. Sobre isso, Freud (1992[1921], v.18, p.100, tradução nossa) afirma que

É fácil expressar numa fórmula a diferença entre uma identificação desse tipo com o pai e uma escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, o que se gostaria de *ter*. Portanto, a diferença se encontra no fato de a ligação se fazer com o sujeito ou com o objeto do Eu. É por isso que a primeira já é possível antes de qualquer escolha sexual de objeto. É bem mais difícil apresentar essa diferença de maneira clara em termos metapsicológicos. Apenas se reconhece que a identificação aspira por dar ao próprio Eu uma forma semelhante à do outro Eu tomado como “modelo”.

Além disso, Freud percebeu nas formações do sintoma, características que poderiam ser explicadas a partir do processo de identificação. Freud (1992[1921], v.18, p.100, tradução nossa) afirma que “ocorre que muitas vezes a escolha de objeto se transforme outra vez em identificação, ou seja, o Eu toma para si as qualidades do objeto”. Podemos, desta forma, relacionar ao que foi dito no texto *A pulsão e seus destinos* (1915), quando se explana sobre o processo de introjeção. Freud (1992[1921], v.18, p.102, tradução nossa) afirma que “a identificação com o objeto abandonado ou perdido produz um substituto dele - a introjeção desse objeto no Eu.”

Assim, o Eu é estruturado ao longo do desenvolvimento do indivíduo a partir dessas identificações unidas à tentativa de manter a coesão em uma unidade. Há, assim, a possibilidade de que se cristalizem muitas identificações que o Eu tomou para si. Por isso é tão comum explicações como “eu sou assim”, “eu sempre fui desta forma”, “só sei ser desta maneira”. Isso denuncia a tentativa de síntese do Eu e o investimento libidinal que ele faz para se manter daquela forma, mas ao mesmo tempo dividido entre desejos contraditórios estabelecendo, assim, um conflito.

Deste modo, a partir do enlace entre os textos de Freud, pudemos perceber o processo de narcisismo como constituinte fundamental para a estruturação do Eu. A teorização acerca da fundamentação desta instância não se findou nas proposições trazidas por Freud, sendo também estudada e teorizada pelo psicanalista francês Jacques Lacan, que trouxe, a partir do processo do estágio do espelho, novas elaborações acerca da gênese do Eu.

4 CONTRIBUIÇÕES DE LACAN SOBRE O ESTÁDIO DO ESPELHO COMO FORMADOR DO EU

A partir do diálogo estabelecido entre os ensinamentos de Jacques Lacan e a obra de Freud é possível obtermos auxílio para a compreensão de como se sucede a estruturação do Eu, baseada nas contribuições trazidas com a elaboração teórica da metáfora do processo do estágio do espelho.

No texto *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (1949), Lacan discorre sobre o estágio do espelho como elemento fundamental para que possamos entender a estruturação desta instância psíquica tendo como sua fundamentação a relação com a alteridade e a percepção de si mesmo.

Lacan importa conhecimentos de outros saberes para Psicanálise a fim de enriquecer e corroborar a teorização de suas constatações. Assim, a partir de um estudo do que foi proposto por Henri Wallon, mais especificamente no texto *Como se desenvolve na criança a noção de corpo próprio* (1931), Lacan toma de empréstimo esse momento que foi representado no texto, o qual uma criança é posicionada perante o espelho e se percebe a forma como ela interagirá e os efeitos que essa imagem projetada causa na criança. Porém, Lacan se afasta do entendimento numa perspectiva de investigação do desenvolvimento cognitivo o qual Wallon se propunha a estudar, ou seja, da noção de que a tomada de consciência sobre si mesmo e a distinção de corpo e mundo externo seria possível se fosse embasada a partir de um amadurecimento biológico.

Assim, Lacan (1998[1947], p. 97) afirma que “a função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*.”¹

É pertinente trabalharmos a metáfora do estádio do espelho a partir de momentos, que não são de ordem cronológica, mas dizem da maneira em que esses episódios se sucedem. Desta forma, em um primeiro momento, não há para a criança a percepção de uma unidade corporal, ou seja, ela percebe seu corpo como uma fragmentação feita de partes desconectadas. Então, é vivenciada a experiência do corpo no sentido de despedaçamento.

É a partir do processo do estádio do espelho que será possível a formação de uma identidade, uma divisão entre o que seria o Eu e o mundo externo, além da delimitação das bordas corporais, permitindo, assim, a distinção do que seria o corpo do indivíduo, o corpo do outro e dos objetos. Assim, não há como não relacionar ao que Freud já havia estipulado anos atrás sobre o processo de narcisismo, identificação e todos os mecanismos ditos nesse trabalho acerca da formação do Eu. Sales (2005, p.116) afirma que

A saída para a angústia do despedaçamento é então a identificação com essa imagem especular cuja “Gestalt” é responsável pela condução do processo de constituição do “eu”; saída que é, no entanto, ilusória, pois vem alicerçada sobre um fundo inapelável de alienação. Ocorre que essa imagem primeira jamais pode constituir um reflexo fiel: ela informa uma unidade subjetivamente inexistente.

Retornemos, então, ao que Freud (1992[1914], v.14, p.74, tradução nossa) afirmou ao dizer “[...] que não está presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao Eu; o Eu tem que ser desenvolvido”. Lacan vai partir da ideia de que a estruturação do Eu não é de uma ordem natural e biológica, mas sim permeada pelo campo das relações e atravessamentos com a alteridade. Sales (2005, p.116) traz a ideia de que

Há, “grosso modo”, a convergência de três importantes constatações que determinam o andamento da experiência e a revisão do conceito freudiano de narcisismo: o fato da prematuração do bebê humano, a ideia de que uma “Gestalt” possui poderes formativos e a existência de uma operação de identificação. A experiência do espelho conduz a criança à percepção de uma unidade corporal que não encontra correspondência em sua vivência proprioceptiva; ao tempo em que seu próprio corpo lhe providencia uma experiência de despedaçamento, de uma falta geral de coordenação, o bebê é levado a perceber a existência de uma unidade que lhe causa estranhamento, mas que ele já é capaz de reconhecer como sua própria imagem.

¹ “Innenwelt”, do alemão, significa mundo interior; “Umwelt”, do alemão, significa mundo exterior, ambiente.

Assim, o Eu é, então, um produto de relações constituintes. Dentre elas, o estádio do espelho, o qual Lacan se utiliza como metáfora para constatar um momento, que pode ser visto da forma de experiência, mas que não diz respeito apenas a isso, por não se restringir a uma experiência constatável. Lacan (1998[1949], p.94) afirma que

Basta compreender o estádio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.

Dessa maneira, é a partir da interação e pela percepção da criança acerca da imagem dela mesma no espelho que será possível adquirir a totalidade referente a seu corpo. A metáfora se estabelecerá a partir da representação de um momento o qual uma criança é colocada em frente a um espelho. Em um primeiro momento, o espelho não é um elemento que salte aos olhos da criança, por não fazer tanta diferença. Ou seja, não há uma maneira pontual de distingui-lo no ambiente. Porém na perspectiva do adulto, já é possível perceber a imagem da criança refletida, assim como as de objetos que poderiam estar naquele contexto.

Posteriormente, ao momento que a criança percebe o reflexo no espelho, ela o entende, inicialmente como outra criança. Não seria, então, para ela, algo da ordem do virtual, mas real e concreto. Podemos perceber isto atrás das interações dela com a imagem refletida, reações de estranheza, a tentativa de tocar, olhar atrás do espelho, chorar por não conseguir alcançar esta suposta outra criança ou mesmo o medo.

Em seguida, há o fascínio por essa imagem refletida e um estado de júbilo se estabelece naquele momento. Sobre este acontecimento, Lacan (1998[1949], p. 94) estabelece que

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.

Lembremos que toda esta conjuntura se trata de uma metáfora e que os elementos em cena são utilizados de forma comparativa. Assim, a partir da mediação do Outro, é possível para a criança o reconhecimento de que aquilo que ela vê refletido é a sua própria imagem.

Desta forma, é pela ratificação e reconhecimento do Outro perante a constatação da criança que a estruturação do Eu está fincada. Ou seja, a criação do Eu tem bases na alienação no discurso do Outro. Lacan (1998[1949], p. 181) afirma que “o primeiro efeito que

aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e se experimenta de início”. A isso, Lacan (1998[1949], p. 113) acrescenta que “essa relação erótica em que o indivíduo humano se fixa a uma imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e eis aí a forma onde tem origem esta organização passional que ele chamará de seu eu.”

Assim, o Eu se alienará a tudo o que crê que complete as demandas trazidas pelo outro. Porém, isso exige que se abstenha de certos prazeres em nome desse amor que almeja. É quando a criança começa a ser introduzida ao princípio de realidade, o qual permitirá o desenvolvimento de sua vida em cultura e, assim, sua sobrevivência.

Desta forma, segundo Sales (2005, p.122), “exterior a si mesmo desde sua própria origem, o “eu” é, então, essencialmente uma instância paranóica, independente da qualidade dos sintomas produzidos posteriormente pelo sujeito.” Isso porque a instância do Eu surge projetada do lado de fora. Já existe um discurso sobre o bebê mesmo antes de ele nascer, uma imagem construída externamente é estruturada e é nela que o bebê se identificará.

Por fim, retomando aos elementos da metáfora do estádio do espelho, o que seria representado pelo espelho não diz respeito ao objeto espelho, mas a tudo que pode ter a capacidade de devolver a imagem para que a criança se reconheça e se identifique, como o grupo a que ela faz parte e o próprio olhar do Outro.

Além disso, o que é representado pelo adulto que supostamente seria a mãe ou pai, diz respeito ao campo da linguagem. É na linguagem que, por meio da mediação do Outro, podemos encontrar significantes para que haja as possíveis identificações. Relacionando este fato à conjuntura do estádio do espelho, Lacan (1998[1949], p. 98) afirma que

(...) esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a meaditização pelo desejo do outro constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural — passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo.

O que podemos perceber é que no primeiro momento, o qual a criança não consegue distinguir o que é ela e o espelho corresponde ao momento de autoerotismo, em que não há a capacidade de diferenciação. Freud (1992[1914], v. 14, p.74, tradução nossa) no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) já denuncia que “(...) as pulsões

autoeróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo.”.

É essa conjuntura dita aqui que promoveria esse corte, essa intervenção a qual Freud já havia comentado anos antes, mas que foi teorizada por Jacques Lacan com a proposição da metáfora do estádio do espelho. Desta forma, o que se aponta é que a instância do Eu é estruturada a partir dos atravessamentos da alteridade. Lacan (1998[1949], p.97) afirma que

(...) esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica— e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Umwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do *eu*.

Deste modo, podemos entender a contribuição de Jacques Lacan sobre o estádio do espelho como uma elaboração altamente enriquecedora à teorização acerca do Eu, fundamento significativo à Psicanálise e completo às formulações estruturadas por Freud por trazer novos elementos e perspectivas ao que se refere à gênese do Eu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que, a partir das propostas trazidas pela teoria freudiana, o entendimento sobre a estruturação do Eu escapa, ou melhor, ultrapassa o campo puramente biológico ou natural. A partir da máxima freudiana de que “o Eu tem que ser desenvolvido.” (FREUD, (1992[1914], v.14, p.74, tradução nossa), foi possível desconstruir, mas uma desconstrução importantíssima, uma ideia essencialista de que nascemos, vivemos e morremos assim, “como sempre fomos”. Em contrapartida a essa ideia, percebemos que a gênese do Eu é sempre atravessada pelo contato com a alteridade. A própria noção de corpo não é algo que existe à priori e destinado apenas à maturação biológica.

Além disso, a partir do conceito de narcisismo, fez-se possível a criação de linhas de pensamento e construção na teoria freudiana, até mesmo no que diz respeito à cronologia em que os textos foram construídos para que, desta forma, fosse viável uma construção compreensível sobre como aconteceria a estruturação do Eu. Percebemos que a teoria psicanalítica é impossível de dissociar seus conceitos e, ao tempo que trabalhávamos a

questão do narcisismo, fomos levados a textos que tangiam outros conceitos fundamentais e que se entrelaçavam ao que estávamos buscando compreender.

É notório que o narcisismo é um processo fundamental para a estruturação do Eu. É a partir deste processo que as pulsões se organizam, a borda corporal é delimitada, fazendo com que, assim, a instância unitária do Eu seja constituída. Além disso, o conceito de narcisismo foi revolucionário para que o advento da segunda tópica freudiana fosse possível. A mudança de perspectiva de um Eu sem investimentos libidinais para um Eu como objeto de investimento pulsional constituído também por uma parcela inconsciente redefiniu os destinos das proposições teóricas da Psicanálise, como a reelaboração da teoria das pulsões.

Além disso, o conceito de narcisismo em sua relação à estruturação do Eu permeia também a noção de corpo em Psicanálise. Ou seja, um corpo constituído pelo reconhecimento por parte da alteridade e que é objeto de investimento de libido, desviando, assim, do modelo de entendimento de corpo exclusivamente biológico.

Além disso, entender o processo de narcisismo nos permite esclarecimentos acerca dos processos neuróticos e psicóticos, por perceber que se estruturam de forma distinta e que, desta forma, exigem direcionamentos diferentes, como tratamos ao longo deste trabalho.

Vale acrescentar que Freud permitiu a partir de seus textos e descobertas clínicas que novas construções acerca da teorização sobre a instância do Eu pudessem ser elaboradas. É o que podemos perceber ao nos utilizarmos das contribuições de Jacques Lacan com o trabalho acerca do processo do estágio do espelho como formador do Eu.

Portanto, analisar como o processo de narcisismo tem papel na formação do Eu em Psicanálise foi um caminho que possibilitou alcances bem maiores do que a noção pontual de uma função, mas permitiu um amadurecimento no que diz respeito a entender como os conceitos são estruturados e se entrelaçam em suas significações. Além disso, permitiu que a partir disso, seja possível a construção de novas possibilidades de formulações teóricas acerca do presente tema ou que tanja no que foi elaborado com esse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONI, J. **O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria.** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMPOS, S. **A imagem corporal e a constituição do eu.** Reverso, Belo Horizonte, n. 54, p. 63-70, 2007.

CUKIERT, M; PRISZKULNIK, L. **Considerações sobre o eu e o corpo em Lacan.** Estudos de Psicologia, p. 147-149, 2002.

FERES, C. **A sombra do objeto: considerações sobre a constituição do eu na psicanálise freudiana.** Universidade de Brasília, 2009.

FERNANDES, E. **Narcisismo.** Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2002.

FREUD, Sigmund. (1914) **Introducción del Narcisismo.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XIV. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1913) **Tótem y tabu.** In Obras Completas Sigmund Freud, v. XIII. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1991.

_____. (1915) **Os Instintos e seus Destinos.** in Sigmund Freud: obras completas, v. XII. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. (1914) **Introdução ao Narcisismo.** in Sigmund Freud: obras completas, v. XII. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. (1915) **A Repressão.** in Sigmund Freud: obras completas, v. XII. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. (1915). **O Inconsciente.** in Sigmund Freud: obras completas, v. XII. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

_____. (1920) **Más allá del principio de placer.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XVIII, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1915) **La Represión.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XIV. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1915) **Lo Inconciente.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XIV. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1915) **Pulsiones y Destinos de Pulsión.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XIV. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1905) **Tres ensayos de teoría sexual.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. VII, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu: 1992.

_____. (1911) **Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XVII, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu: 1991.

_____. (1917[1915]) **Duelo e Melancolia.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XIV. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1940[1938]) **La escisión del yo em el proceso defensivo.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XXIII, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu: 1991.

_____. (1911 [1910]) **Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XII. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu, 1991.

_____. (1923) **El yo y El ello.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XIX, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu, 1992.

_____. (1921) **Psicología de lãs masas y análisis del yo.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XVIII, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu: 1992.

_____. (1919) **Lo ominoso.** in Obras Completas Sigmund Freud, v. XVII, Buenos Aires/ Madrid: Amorrortu: 1992.

KEGLER, P. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica: novas configurações subjetivas na contemporaneidade.** 2006.

LACAN, Jacques. **A agressividade em psicanálise.** Escritos, Zahar: 1998.

_____. **O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica.** Escritos, Zahar, 1998.

LAZZARINI, E; VIANA, T. **O corpo em Psicanálise.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, Universidade de Brasília, v. 22, p.241-250, 2006.

MOREIRA, J. **Revisitando o conceito de Eu em Freud: da identidade à alteridade.** UERJ, Rio de Janeiro, p. 233-247, 2009.

OLIVEIRA, N; PATTARELLI, S. **Narcisismo e Psicanálise.** V Congresso de Psicologia UNIFIL. 2012.

SALES, L.S. **Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário.** Revista do Departamento de Psicologia - UFF, São Paulo, v. 17 - nº 1, p. 113-127, Jan./Jun. 2005.

STENNER, A. **A identificação e a constituição do sujeito.** PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 54-59, 2004.